

# humanitas

**Vol. XIII-XIV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XIII E XIV



COIMBRA

MCMLXI - LXII

do assunto do livro e o deixar sem grande custo adquirir uma ideia precisa de cada um dos problemas tratados, apresenta, no fim da obra, um resumo dos mesmos, juntando a cada categoria de nomes o número dos já identificados e dos *paralelos*, distribuídos segundo os lugares onde se encontram. A isto acrescem três apêndices: no primeiro, o A. regista nomes de deuses e de heróis que ocorrem em Linear B, dos quais uns correspondem ou não aos do grego posterior, ao passo que outros são de origem estrangeira; no segundo são nomeados vários nomes de pessoas micénico-gregos de proveniência mitológica e que, em geral, ocorrem frequentemente em Homero; no terceiro, enfim, ele apresenta uma lista de nomes de pessoas não gregos colhidos em Linear B e dispostos em confronto dos correspondentes de Linear A e dos descobertos em textos do Próximo Oriente — trabalho árduo que, segundo confessa, levou a cabo com auxílio do material estudado por A. Furumark e posto à sua disposição.

Destas breves notas o leitor pode concluir que o livro de O. Landau é trabalho de grande envergadura e consciencioso, feito com método rigorosamente científico e que, pela vastidão das informações que ministra, deve prestar grande contributo aos progressos da micenologia. Mas também, precisamente, pelo seu carácter técnico e pela erudição que encerra, ele destina-se, sobretudo, a especialistas e àqueles que já estão iniciados nos problemas do Linear B.

DIAS PALMEIRA

B. Gayo Nuño — Sobre un giro de la lengua de Demóstenes.

Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto “Antonio de Nebrija”. Manuales y Anejos de “Emerita” XVII. Madrid, 1959, 87 pp.

Gaya Nuño foi um especialista da língua e da epigrafia cretense e interessou-se também pela sintaxe grega e estilística. Esta obra foi publicada, como homenagem póstuma, pelos seus colegas do Instituto «Antonio de Nebrija».

Neste trabalho, o A. procurou principalmente — e conseguiu-o — fazer uma análise pormenorizada das construções e particularidades lexicais empregadas por Demóstenes nos discursos que pronunciou como estadista, e chegar a conclusões de grande interesse sobre o seu estilo.

Na Introdução afirma que compreender um autor é descobrir o que nele há de individual, posto em confronto com os da sua geração e ainda com todos aqueles que cultivaram o mesmo género literário; e é precisamente o que o A. faz com espírito científico através desta obra.

Começa por referir que quem folhear os discursos do grande orador grego não poderá deixar de notar a grande frequência de proposições principais que pedem dois infinitivos completivos, e que representa esquematicamente por:

P Ij I<sub>2</sub>, construção que constitui o que chama tipo I.

Mas sucede muitas vezes que, com o intuito de salientar qualquer conceito, ou por intenções rítmicas ou eufónicas, o orador modifica a ordem dos verbos, e, então, o tipo I aparece transformado noutros que representa por:

Tipo II; III; IV; V; VI.

A ordem por que se encontra cada um destes verbos dá à frase um carácter *sui generis* e faz com que não seja ao acaso que o autor emprega uma ou outra.

Há ainda a considerar que esses três verbos de cada um dos tipos se encontram muitas vezes na frase separados por complementos distintos, circunstâncias várias, expressões intercalados e relativas, o que faz com que cada um destes referidos seis tipos possa apresentar quatro construções diversas. Existem, pois, teóricamente, vinte e quatro tipos representados por: Ia, I b, I c, Id; II a, II b etc., etc.

Em seguida, o autor investiga cada um desses tipos de construções, não só em Demóstenes, mas também nos oradores seus contemporâneos — Esquines, Hiperides e Licurgo — e ainda nos que o precederam : Iseu, Isócrates, Lisias, Andócides e Antifon, pois acha que só o método comparativo lhe pode permitir tirar conclusões. Analisa também toda a obra de Tucídides, para determinar se a sua influência em Demóstenes foi, ou não, aquela que desde a antiguidade se lhe atribui.

Estuda os referidos tipos de construção distribuídos em dois grupos: proposições completivas com valor de sujeito e proposições completivas com valor de complemento directo. No 1.º grupo examina as construções que aparecem nas completivas que são determinadas por verbos que exprimem uma obrigação de tipo abstracto, como *δει, χροή* e ainda por perífrases nominais com *ἐκνι*. No 2.º analisa em pormenor os diversos tipos de construção que aparecem nas completivas pedidas por verbos de vontade e acção, mistos de vontade e de opinião, declarativos e de percepção.

Através de todo este estudo chega a conclusões valiosas, como, por exemplo, à observação de que, contrariamente ao que poderia à primeira vista parecer, raramente se encontram nos discursos de Demóstenes verbos de vontade com duplo infinitivo, visto que essa construção daria à frase um tom de convicção pessoal e, por isso, o orador prefere um imperativo abstracto; e que *φημί* é o verbo mais empregado por Demóstenes para determinar um duplo infinitivo e que talvez houvesse algo de comum entre o temperamento do orador e o próprio carácter de verbo. O A. parte mesmo desta construção favorita de Demóstenes, para, num dos últimos

capítulos, abordar o problema das obras apócrifas, nas quais só muito raramente aparece *φημί* com duplo infinitivo.

Finalmente, faz uma estatística de todos os tipos de construção que aparecem nos autores que se propôs estudar e representa graficamente as conclusões a que chegou: a linha das abscissas refere-se à riqueza do léxico, isto é, à variedade de verbos ou expressões que constituem uma oração principal que determina a completiva, e a das ordenadas aos tipos de construção. Deste modo, um simples relance de olhos basta para tirarmos algumas conclusões acerca do estilo dos autores considerados. Assim, por exemplo, vê-se que Demóstenes é o autor mais rico pelo que diz respeito aos tipos de construção empregados, seguido de Tucídides e Isócrates; que Iseu e Lisias se encontram um junto do outro, pois têm grande número de construções semelhantes, facto esse que já tinha sido assinalado por Cecilio de Calacte; etc.

De tudo isto pode concluir-se que o presente trabalho, não obstante num ou noutro ponto se poder discutir, tem mérito e interesse inegáveis. Oxalá que em breve surjam muitos trabalhos semelhantes a respeito de outros autores.